

VI Seminário Internacional

políticas culturais

26 a 29 de maio de 2015

Rio de Janeiro

edição

Fundação Casa de Rui Barbosa

ISBN 978-85-7004-332-0

organizadores

Lia Calabre

Mauricio Siqueira

Deborah Rebello Lima

Adélia Zimbrão

realização

**Itaú
cultural**

 **BSERVATÓRIO**
Itaú Cultural

FUNDAÇÃO  **Casa de Rui Barbosa**
MINISTÉRIO DA CULTURA

GOVERNO FEDERAL
BRASIL
PÁTRIA EDUCADORA




Anais do VI Seminário Internacional de Políticas Culturais

Organizadores:

Lia Calabre
Mauricio Siqueira
Adélia Zimbrão
Deborah Rebello Lima

Rio de Janeiro
De 26 a 29 de maio de 2015
Edições: Fundação Casa de Rui Barbosa



Seminário Internacional Políticas Culturais (6. : 2015 : Rio de Janeiro, RJ)
Anais do VI Seminário Internacional de Políticas Culturais, 26 a 29 de maio de
2015, Rio de Janeiro / Organizadores: Lia Calabre... [et al.] – Rio de Janeiro : Fundação
Casa de Rui Barbosa, 2015.

Sistema requerido: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World WideWeb:

<<http://wwwhttp://culturadigital.br/politicaculturalcasaderuibarbosa/>>

ISBN: 978-85-7004-332-0

1. Política cultural. I. Calabre, Lia, org. II. Siqueira, Mauricio, org. III. Zimbrão,
Adélia, org. IV. Deborah Rebello Lima, org. V. Fundação Casa de Rui Barbosa. VI. Título.

CDD 306



26 a 29 de maio de 2015

**POR UMA SINERGIA DA DIVERSIDADE:
PESQUISA AÇÃO PARTICIPATIVA NA REDE DE PONTOS DE CULTURA**

Marcella Francelina Vieira Camargo¹

Aline Andrade de Carvalho²

RESUMO: Este artigo se propõe a discutir a produção de conhecimento participativo voltado à gestão pública da cultura, a partir da experiência da Escola de Pesquisa de Nova Iguaçu e do GT Pesquisa Viva com pesquisa-ação participativa na rede de Pontos de Cultura. Considerando a diversidade do universo do Programa Cultura Viva, observamos os desafios e potencialidades de uma política cultural inovadora, num contexto social de agentes que por muitos anos foram furtados do debate sobre as políticas públicas que influenciam no seu dia a dia. Assim, buscamos sugerir alguns caminhos para ampliar a participação social nos mecanismos de gestão e produção de narrativas no Brasil do século 21.

PALAVRAS-CHAVE: Produção de conhecimento; pesquisa-ação participativa; Pontos de Cultura; gestão compartilhada; Diversidade Cultural.

Introdução

A proposta do Seminário de Políticas Culturais da Fundação Casa de Rui Barbosa, reunindo trabalhos e pesquisadores acadêmicos, não acadêmicos e interessados na área de cultura é uma oportunidade muito especial de refletir sobre as práticas e significados do termo pesquisa. A linha condutora desta narrativa é a prática de pesquisa-ação participativa no desenvolvimento de projetos experimentais de produção de conhecimento nas áreas de juventude³ e cultura⁴ e, mais especificamente, na rede de Pontos de Cultura do Brasil. Através de práticas e técnicas colaborativas de pesquisa e em parceria com movimentos sociais e atores da gestão pública, a experiência que aqui será abordada tem como prerrogativa considerar todos os agentes envolvidos como produtores de conhecimento em potencial. Acreditamos que isto implica, sobretudo, a reflexão e a discussão das diferentes representações e narrativas no cotidiano, e a forma que estas refletem na construção de políticas públicas no país.

¹ Mestre em Antropologia e Sociologia pelo IFCS-UFRJ, fundadora da Escola de Pesquisa de Jovens Pesquisador@s de Nova Iguaçu, desenvolve pesquisa-ação participativa a 2 décadas, em parceria com a sociedade civil organizadas e a gestão pública, co-fundadora do GT Pesquisa Viva. Email: marcellafvc@gmail.com

² Mestre em Comunicação pela Universidade Paris 8, co-fundadora do GT Pesquisa Viva. Email: Alinecarvalho.cultura@gmail.com

³ Fundação, coordenação e desenvolvimento metodológico da Escola de Jovens Pesquisador@s de Nova Iguaçu. Desenvolvimento de pesquisa-ação participativa para subsidiar ações do BID e UN Habitat

⁴ Construção de manuais e editais utilizando a pesquisa-ação participativa e coordenação de vários projetos de pesquisa participativa para gestão pública na área de cultura.



26 a 29 de maio de 2015

A pesquisa-ação participativa tem ambição de oportunizar encontros e trocar as impressões e experiências dos autores da ação. Com isto, é possível subsidiar tomadas de decisões, levantar possíveis soluções ou simplesmente provocar reflexões sobre problemas hegemônicos ou frequentes. Esse processo contribui ainda para determinar campos de diálogo entre os diversos envolvidos no universo pesquisado: cidadão, movimentos sociais, governo, universidades. Em uma perspectiva diferente da pesquisa acadêmica, cujo o compromisso é com o desenvolvimento das ciências, o objetivo aqui é principalmente contribuir com a gestão participativa - seja da vida ou da esfera pública. Isto, porque, entendemos que “O gestor público é aquele que respeita, reconhece e entende a potência da população e a sua condição de sujeito da política (e não objeto dela), e é isso que legitima a ação governamental.” (ROCHA, pág 49).

Alguns conceitos teóricos ajudam fundamentar a proposta de unir duas práticas de pesquisa que para alguns autores são distintas: a *pesquisa-ação*, voltada a subsidiar planejamento e tomadas de decisões, e o esforço metodológico *participativo*, que envolve localizar e contribuir com a interação entre olhares dos participantes. Thiollent (1997) diz que: “Toda pesquisa-ação possui um caráter participativo, pelo fato de promover ampla interação entre pesquisadores e membros representativos da situação investigada. Nela existe vontade de ação planejada sobre os problemas detectados na fase investigada” (p. 21).

Para a socióloga e praticante da Cartografia Social Ana Clara Torres Ribeiro, esse tipo de pesquisa também se caracteriza por ser *ad hoc* e rápida: “As intensas mudanças observadas na ação política e a velocidade da acumulação financeira exigem o reposicionamento teórico-conceitual dos elos entre estrutura e conjuntura e, ainda, agilidade na obtenção de resultados analíticos, mesmo que provisórios.” (RIBEIRO, PAG 04).

Observamos assim que essas vivências traçaram conexões com dimensões multi-institucionais, multidisciplinares e com teorias e práticas sobre o planejamento e a gestão pública, o que vai ao encontro do desenho do Programa Cultura Viva. Isto abre diversas possibilidades de presentificar conceitos e categorias (RIBEIRO, A. C.), aproximando as pessoas de um determinado território/universo envolvidas na construções de políticas públicas nas quais estão implicadas. Assim sendo, neste artigo, descreveremos as pesquisa-ações participativas de avaliação realizadas na Teia Rural Estadual 2013 e, a da Teia Nacional da Diversidade 2014, em curso, que culminou com a formação do Grupo de Trabalho Pesquisa Viva na Comissão Nacional de Pontos de Cultura.



26 a 29 de maio de 2015

O Programa Cultura Viva - Solo fértil para a produção de conhecimento participativo

No mês de julho de 2014 é aprovada a Lei Cultura Viva e com isso o inovador Programa Cultura Viva passa a ser política do Estado Brasileiro, no ano em que completa 10 anos. Muitos tem sido os desafios, as aprendizagens e as conquistas deste processo de discussão e consolidação da diversidade cultural no país. Tanto para os diversos movimentos e manifestações culturais, quanto para os órgãos governamentais envolvidos na gestão do Programa nas esferas municipais, estaduais e federais. Trata-se de um conceito de política pública que se propõe amplo, atingindo diversos territórios e agentes culturais “invisibilizados” pelas representações hegemônicas, sobretudo nos meios de comunicação.

Como argumenta Célio Turino, ex-secretário da Cidadania Cultura do Ministério da Cultura, os Pontos de Cultura:

“São organizações culturais da sociedade que ganham força e reconhecimento institucional ao estabelecer uma parceria, um pacto, com o Estado. Aqui há uma sutil distinção: o Ponto de Cultura não pode ser para as pessoas, mas sim das pessoas; um organizador da cultura no nível local, atuando como um ponto de recepção e irradiação de cultura. Como um elo na articulação em rede, o Ponto de Cultura não é um equipamento cultural do governo nem um serviço. Seu foco não está na carência, na ausência de bens e serviços, e sim na potência.”(TURINO, 2009. p. 64).

O Ponto de Cultura não tem um modelo único e fixo, seu único e principal aspecto em comum é a transversalidade da cultura e a gestão compartilhada entre poder público e a comunidade. Fundamentado nesta lógica da parceria (do poder público, da comunidade e de instituições afins), e fruto de um processo que se propõe pedagógico e participativo, faz-se fundamental reconhecer a diversidade de manifestações e realidades culturais dos agentes envolvidos no Programa e encontrar alternativas e novos canais de diálogo. Estes desafios vem estimulando novas formas de inclusão e governança que foram sendo transformados ao longo desta década. Este processo inspirou uma série de experiências técnicas e metodológicas em diversas as áreas políticas, sociais, culturais, profissionais e etc, voltadas à inclusão e respeito ao diversos olhares dos agentes envolvidos.

Consideremos ainda que o Programa foi criado durante a gestão do músico Gilberto Gil no Ministério da Cultura, por muitos considerada “revolucionária” por questionar o lugar elitista de “cereja do bolo”, no qual a política cultural vinha sendo historicamente encontrada. “A vontade de comunicar e misturar culturas, chave para o Tropicalismo, é retomada nas ações do MinC, tendo Gil como ministro, cujo principal esforço foi expandir o conceito de cultura e torná-la mais acessível, reconhecendo-a como uma ferramenta estratégica para o desenvolvimento. A cultura, enquanto direito inalienável do ser humano, é também um dever



26 a 29 de maio de 2015

de Estado, que deve garantir o acesso e a produção de cultura como parte das ações para a cidadania. Segundo Gil: ‘É preciso recentralizar o que está centralizado nas mãos de poucos. As matrizes da indústria cultural não deixaram nada para as periferias. Por isso, hoje, o papel do Estado brasileiro na formulação de políticas públicas é empoderar as micro manifestações, para que eles se apropriem cada vez mais dos espaços públicos e que sejam protagonistas na proteção e promoção da diversidade’.” (CARVALHO, 2009, p. 144).

Para Márcia Rollemberg, também ex Secretária do Programa, este princípio participativo deve permear todas as esferas do Cultura Viva, pautando e demandando práticas da Secretaria da Cidadania e Diversidade Cultural:

“A necessidade de ampliação e diversificação estrutural das fontes de fomento a programas, projetos e ações socioculturais, foi pontuada como um desafio a ser superado, e para isto toda a sociedade deve ser envolvida, atendendo ao princípio do “nada sobre nós sem nós”, assim como a Gestão do Conhecimento, como método, mas principalmente como prática diuturna de cultura organizacional, precisa ser exercitada” (ROLEMBERG, 2015, p. 14).

Assim sendo, se o ano de 2004 foi um momento de formulação e implementação do Programa, dez anos depois esta Gestão do Conhecimento de forma participativa e aplicada ainda é um grande desafio. E é exatamente neste ponto que estamos experimentando possibilidades.

A prática que aqui apresentamos se propõe a discutir experimentações, suscitar questões, trocar experiências com outros pesquisadores e interessados em pesquisa na área de cultura. Assim, após traçadas as algumas considerações teóricas, históricas e políticas, se faz importante pontuar como se deu esse esforço articulado de estimular a cultura da pesquisa junto aos Pontos de Cultura executando projetos de pesquisa-ação participativa na Teia Rural e na Teia Nacional da Diversidade. Observamos ainda que, ao mesmo tempo, discutir o Programa Cultura Viva à luz de suas principais demandas¹⁰ junto a colegas da pesquisa acadêmica e gestores, revela diferentes visões quanto aos limites e a legitimidade das diferentes metodologias de pesquisa.

Formação do GT Pesquisa Viva na Comissão Nacional dos Pontos de Cultura

No âmbito do Programa Cultura Viva, as Teias estaduais e nacionais⁵ são as instâncias máximas de encontros do Cultura Viva, com o objetivo de estimular a reflexão e trocas de experiências políticas, sociais, culturais e artísticas do universo de agentes do Programa. As Teias são planejadas e produzidas pelo poder público junto aos Pontos de Cultura, e a

⁵Os Fóruns e os governos municipais e estaduais tem menos influências, as decisões são tomadas pelo MinC.



26 a 29 de maio de 2015

mobilização contínua dos Pontos se dá através dos Fóruns⁶ Estaduais, Regionais e temáticos⁷. Por sua vez, os Fóruns são encontros presenciais pautados pelas discussões pertinentes ao Programa e à realidade cotidiana dos Pontos de Cultura, e por agendas da sociedade civil organizada que envolvem agentes da cultura, e o poder público, como por exemplo mudanças nos rumos da política pública, redesenho, contingências, fenômenos sociais, votação de leis e emendas na área de cultura, etc, sendo uma das interfaces mais importantes da gestão participativa.

Durante a Teia Estadual do Rio de Janeiro de 2013, a Teia Rural, foi realizada a primeira pesquisa-ação participativa de avaliação deste tipo na rede dos Pontos. Esta experiência levou à formação de um grupo que se propôs a compartilhar e replicar esta proposta de pesquisa-ação participativa junto a outras esferas do Programa, o chamado Grupo de Trabalho Pesquisa Viva. De forma sistemática vários agentes (ponteiros, participantes da comissão organizadora, gestores públicos, pesquisadores acadêmicos, interessados em geral) participaram da elaboração e do desenvolvimento da pesquisa-ação-participativa de avaliação do encontro.

A metodologia desenvolvida pela antropóloga Marcella Camargo, que conduziu o processo da pesquisa, foi sendo apropriado pelo GT. Nesta proposta metodológica, os participantes são ao mesmo tempo atores e autores do desenvolvimento metodológico da investigação: desde a elaboração das perguntas até a sua análise, apresentação e discussão dos resultados finais. Este processo permite assim que as percepções, experiências e expectativas sejam trocadas a cada etapa. A iniciativa realizada em dezembro conquistou mais adeptos no primeiro encontro do ano de 2014, em janeiro, no Ponto de Cultura Casa Nuvem, na Lapa, região central do município do Rio de Janeiro, onde os resultados⁸ da pesquisa foram apresentados, questões pertinentes à organização do Fórum dos Pontos de Cultura do Estado do Rio de Janeiro puderam ser discutidos.

⁶ Os Fóruns são encontros mensais, onde estão presentes ponteirxs, gestorxs públicos, pesquisadorxs, militantes da cultura, e outras redes que compõe o programa Cultura Viva como a Rede de Leitura e de Memória. pautados através do grupo de discussões pela internet, e por agendas emergências da sociedade civil organizada que envolve a cultura, poder público, como mudanças nos rumos da política pública, contingências, fenômenos sociais, votação de leis e emendas, etc.

⁷ A referência utilizada é a vivência da Rede dos Pontos do Rio de Janeiro.

⁸ Os resultados podem ser conferidos na íntegra: <http://www.teiarj.org/index.php/component/k2/item/22-avaliacao-da-teia-rural>



26 a 29 de maio de 2015



Em maio, durante a Teia Nacional da Diversidade 2014, estes resultados foram novamente apresentados no Seminário Visões sobre o Programa Cultura Viva⁹, que reunia a Rede de Pesquisadores do Cultura Viva. Na ocasião, uma nova pesquisa foi realizada e o GT, que até então havia atuado em âmbito estadual, amplia suas ações nacionalmente, como veremos adiante.

O GT de Pesquisa do Cultura Viva determinou que a sua principal missão é disseminar uma cultura de pesquisa-ação participativa no Programa Cultura Viva:

O objetivo do grupo de trabalho é criar uma cultura de pesquisa dentro da rede do Cultura Viva, junto a pontos de cultura, gestores públicos e universidades. Por isso, busca-se potencializar a produção de indicadores e informações sobre o Cultura Viva através do levantamento, disponibilização e articulação em rede dessa produção criando espaços de intercâmbio de informações e metodologias junto a outras redes, buscando fomentar todos os atores do Programa como pesquisadores em potencial.

Entre as estratégias de ações desenhadas pelo grupo, estão:

Contribuir com a criação de um repositório de pesquisas acadêmicas, estudos gerais e relatórios institucionais sobre o Programa já produzidos, em especial, pelos Pontos de Cultura e através deles. E a fim de fortalecer a rede, o repositório, inicialmente hospedado no site do Observatório de Políticas Públicas da UnB, será disponibilizado também nas plataformas do próprio programa, como iTeia, Rede Mocambos, Culturadigital.br, Rede Livre, Estúdio Livre, etc.

⁹ Cujo objetivo era a retomada da Rede de Pesquisadores do Cultura Viva. Quando foi estabelecida uma parceria tripartite entre sociedade civil (GT Pesquisa Viva), academia (Observatório de Políticas Públicas da UnB) e gestão pública (Fundação Casa de Rui Barbosa / MinC).



26 a 29 de maio de 2015

Acompanhar as pesquisas e estudos em curso, como o Redesenho do Programa Cultura Viva e a pesquisa de Monitoramento e Avaliação da Rede Estadual que está sendo realizada pela Secretaria de Cultura do Rio de Janeiro, dando retorno periódico à rede sobre seu andamento.

- Fomentar a produção de conhecimento e levantamento e novos indicadores por parte dos próprios pontos de cultura, através da capacitação em pesquisa-ação participativa e levantamento, com compartilhamento das metodologias e de seus resultados.¹⁰

Esse fragmento do documento de fundação do GT faz uma síntese das dimensões que a produção de conhecimento alcança na sociedade civil organizada, movimentos culturais, governo, academia, e aponta para a necessidade de um esforço da troca para potencializar os fazeres e saberes entre xs autorxs e atores de conhecimento.

A ação da avaliação da Teia Nacional da Diversidade

Realizada durante a Teia Nacional da Diversidade, em maio de 2014 em Natal, Rio Grande do Norte, a experiência da pesquisa-ação participativa da Teia da Diversidade se mostrou multidisciplinar e militante.

Durante o encontro, o grupo participou do Seminário Visões do Cultura Viva, organizado pela Fundação Casa de Rui Barbosa, que reuniu pesquisadores acadêmicos, gestores públicos e pontos de cultura para discutir a produção de conhecimento no âmbito do Programa e re-articular a rede de pesquisadores do Cultura Viva. Além disso, os membros do GT Pesquisa Viva participaram também do Fórum Nacional dos Pontos de Cultura, onde puderam compartilhar a experiência do Rio de Janeiro. Passando pelo processo de votação estabelecido para a criação de novos Grupos de Trabalho, o GT amplia sua atividade e passa a integrar oficialmente a Comissão Nacional de Pontos de Cultura.

Como contribuição de ordem prática para a Teia da Diversidade, o GT Pesquisa Viva buscou realizar uma pesquisa de avaliação do encontro que fosse o mais participativa possível. Assim, o esforço do GT foi no sentido de fazer com que as contribuições dos participantes fossem além da simples resposta ao questionário da pesquisa, mas buscassem possibilitar a própria elaboração e execução pesquisa-ação participativa. Para tal, a metodologia empregada passa por várias etapas, onde os diversos agentes e atores exercem distintos papéis, e encontram a oportunidade de expor suas diferentes percepções de todo o processo.

Buscando esta diversidade na elaboração do escopo da pesquisa, o grupo convocou uma oficina auto gerenciada espalhando vários cartazes provocativos pelos espaços da Teia

¹⁰ Extraído do documento de fundação do GT apresentado para a Comissão Nacional do Cultura Viva: <http://www.iteia.org.br/textos/gt-pesquisa-viva-por-uma-cultura-de-pesquisa-participativa>



26 a 29 de maio de 2015

convidando o público a participar da atividade. Como é possível observar no cartaz abaixo, este tipo de ação alcançou seu objetivo de interagir com o público, convidando-o a opinar (neste caso, no próprio cartaz).

Cartaz Original

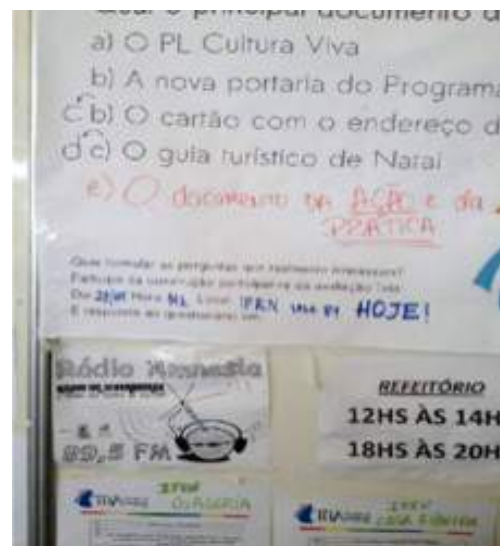
Cartaz alterado por participante



Qual o principal documento da Teia para você?

- a) O PL Cultura Viva
- b) A nova portaria do Programa Cultura Viva
- b) O cartão com o endereço do hotel
- c) O guia turístico de Natal

Quer formular as perguntas que realmente interessam?
Participe da construção participativa da avaliação Teia:
Dia: Hora: Local:
E responda ao questionário em:



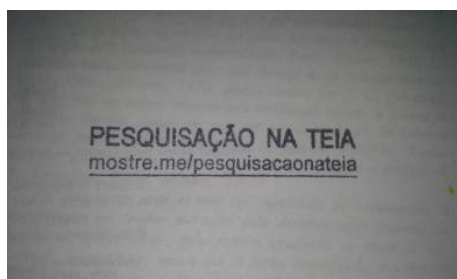
Além de distribuir os cartazes em pontos estratégicos onde estavam sendo realizadas as atividades da Teia, foi feita uma ampla divulgação oral e nos diversos fóruns de discussões nos quais o GT esteve presente. Ao final, foi formada uma equipe de 10 pessoas entre ponteiros, produtores culturais, estudantes, pesquisadores, gestores e comissão organizadora de vários estados, que se encarregara da elaboração, aplicação e divulgação da pesquisa-ação participativa de avaliação da Teia Nacional da Diversidade. Com problemas na emissão da passagem, a facilitadora da construção do arcabouço metodológico lançou mão do universo da Cultura Digital e realizou a oficina através do skype, com duração de 8 horas, distribuídas ao longo do penúltimo dia da Teia.

Após longa discussão sobre os conceitos que estavam sendo trabalhados, formulou-se um esboço de projeto norteando os objetivos da pesquisa. Em seguida, o questionário piloto foi desenhado coletivamente e as pessoas do GT realizaram o pré teste. Como a ideia era alcançar o máximo possível de participantes optou-se pela pesquisa quantitativa, mas apesar disso, todo o processo foi “qualitativo”, baseado nas expectativas e experiências de cada integrante. Isto porque nesta metodologia os objetos são sujeitos que vivenciam, a partir de diferentes perspectivas, o recorte do objeto re-elaborado a cada etapa.



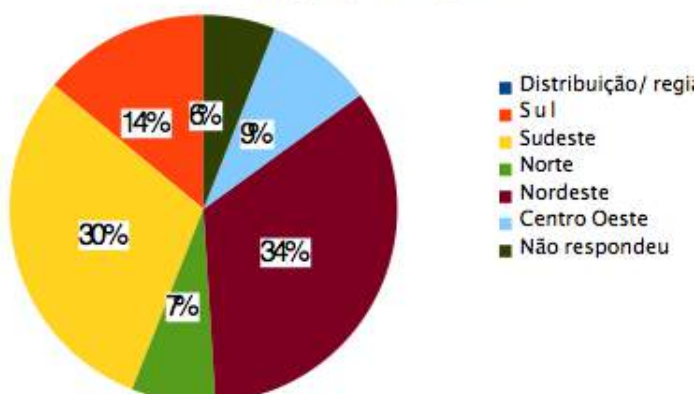
26 a 29 de maio de 2015

Feitos os últimos ajustes, a versão final do questionário foi a campo. Com o objetivo de lançar uma campanha viral de forma criativa, foram confeccionados carimbos com o endereço online do questionário de pesquisa, e os integrantes do grupo realizaram uma força-tarefa de carimbar crachás, mãos, braços, panfletos e cartazes pela Teia:



Em complementação à campanha presencial, foram feitos ainda vários chamados através das redes sociais para que as pessoas respondessem ao questionários e o longo de 45 dias, 328 participantes da Teia responderam espontaneamente à pesquisa.

1. Distribuição por Regiões



Na Teia você foi como:	%
Representante legal da Instituição	28
Oficineiro do Ponto	10
Pesquisador(a)/ Acadêmico	12
Gestor Público	6
Artista	15
Coordenador do Ponto	46
Não Respondeu	15
Base	328



26 a 29 de maio de 2015

É importante ressaltar ainda que a apresentação de resultados é um outro momento de encontro importante nesta experiência. As pessoas que estão presentes são motivadas a analisar os dados apresentados/ as representações, contribuindo com outras interpretações do que foi apreendido pela equipe da pesquisa, e que serão incorporados no relatório final.

Assim, entre os meses de julho e dezembro foi realizado o processo de codificação dos dados, de forma voluntária e orgânica, pelos membros do GT, que se reuniram mensalmente no Ponto de Cultura da Casa Nuvem. Em dezembro, os dados da pesquisa foram apresentados na reunião da Comissão Nacional dos Pontos de Cultura, em Brasília, tendo sido considerado um “momento histórico” para os presentes, “onde pela primeira vez os próprios Pontos estão olhando para si mesmo”¹¹. Infelizmente, esta apresentação se restringiu aos representantes de GTs presentes, e em um curto espaço de tempo, o que limitou a possibilidade de análises e intervenções mais detalhadas. Por esta razão, nos preparamos agora para realizar este ano uma chamada pública de trabalhos analisando estes dados, a serem discutidos em maior profundidade um seminário ampliado, de caráter nacional.

O fechamento da ação é fazer uma publicação virtual e colaborativa juntando os trabalhos, textos ou outras formas de expressões que foram inspiradas a partir dos resultados da pesquisa-ação de avaliação da Teia. Este material irá compor o relatório final desta proposta, que também será disponibilizado nas redes do sociais, em especial aquelas ligadas ao Cultura Viva (iTeia, Culturadigital.br, Corais.org, Estúdio Livre, etc).

Além disso, temos buscado participar de outros encontros, como o Encontro Brasileiro de Pesquisadores em Cultura, realizado em outubro na Universidade Federal Fluminense, e este seminário da FCRB, para levar esta experiência e ampliar este debate.

Considerações finais

Segundo o seu Plano de Trabalho para os anos de 2015 e 2016, a missão do GT Pesquisa Viva é “Criar uma cultura de pesquisa no Cultura Viva junto a Pontos de Cultura, gestores públicos e universidades, contribuindo para a gestão participativa e a transparência governamental através da pesquisa-ação participativa, buscando promover e reconhecer todos agentes do Cultura Viva como produtores de conhecimento.”¹².

¹¹ Comentário de Eduardo Bonito, co-fundador e representante do GT Pesquisa Viva na reunião da CNPDC, 12 de dezembro de 2014 em Brasília - DF.

¹² “Instituída pelo Decreto 7.743, de 01/06/2012, a SCDC tem como competências planejar, coordenar, monitorar e avaliar as políticas, programas, projetos, ações e iniciativas para a promoção do desenvolvimento econômico e social pela via da cultura, focada na cidadania e na diversidade das expressões culturais e na garantia dos direitos do cidadão. Seus objetivos exemplificam a determinação e coadunam com as estratégias do



26 a 29 de maio de 2015

Seguindo os passos da filosofia do Cultura Viva, onde todos são produtores de conhecimentos sobre si mesmos, sua coletividade e sobre o universo ao qual pertencem, esta prática estabelece diálogos, constrói parcerias diretas com a diversidade, inclusive possibilitando a troca horizontal com pesquisadores acadêmicos. Aqui, o papel do pesquisador/facilitador é construir pontes entre os saberes de forma que todos possam contribuir com a formulação do instrumental metodológico.

Esta experiência coletiva desperta ainda a percepção do potencial e da importância da produção e troca de conhecimentos. Na conjuntura administrativa e política do Cultura Viva, isso corresponde à missão de contribuir com o monitoramento e avaliação das práticas dos Pontos e do Programa em geral, com vistas a entender e sistematizar os desafios desta política. Além disso, caracteriza-se por ser um método de baixo custo, cujo um dos benefícios é descentralizar a gestão em termos de tomadas de decisão.

Finalmente, acreditamos que o encontro da prática científica de produção de conhecimento com a ação cidadã de atuar junto à movimentos sociais tem sido não apenas uma contribuição à construção de políticas públicas para a cultura no país como tem repercutido na formação cultural e identitária de cada um dos que participam das atividades aqui relatadas. Esperamos assim seguir com esta construção e incidir na gestão compartilhada de uma cultura que seja, cada vez mais, protagonista e autônoma.

Referências Bibliográficas

ARENDDT, Hannah A dignidade da política. ed. Relume Dumará, Rio de Janeiro, 1994

BOURDIEU, Pierre. O Poder Simbólico. Bertrand, 1988

CARVALHO, A. A. “Produção de Cultura no Brasil: Da Tropicália aos Pontos de Cultura”. Rio de Janeiro: Multifoco, 2009

GEERTZ, Clifford. O saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa. 3 ed. Vozes, Petrópolis, 2000

GRAMSCI, Antonio. Os Intelectuais e a Organização da Cultura, 4 ed., Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 1982

HABERMAS, Jurgen. “A Nova intransparência. Do esgotamento das energias utópicas”. Novos Estudos, no. 18, 1987

HARDT, Michael; NEGRI, Antonio. Império. Rio de Janeiro: Record, 2001

MinC de priorizar as demandas da sociedade por direito à cidadania e de reconhecer a diversidade cultural.”
Márcia Rolemberg (2014).



26 a 29 de maio de 2015

RIBEIRO, Ana Clara T. “Oriente Negado: cultura, mercado e lugar”, Cadernos PPG-FAU, FAU-UFBA, número especial 2004 “Por uma cartografia da ação: pequeno ensaio de método” em coautoria com Amélia Rosa Sá Barreto, Alice Lourenço, Laura Maul de Carvalho Costa e Luís Cesar Peruci do Amaral, Cadernos IPPUR/UFRJ, v. 15 e 16, 2001

ROCHA, Adair. “Autores Sociais e ações na cultura e na segurança pública do Rio.” In (org) Cláudia Maria Lima Werner, Floriano José Godinho de Oliveira, Patrícia Tavares Ribeiro Políticas Públicas: interações e urbanidades, Faperj, Rede de Política Públicas, Ed. Letra Capital, Rio de Janeiro, 2013

ROLEMBERG, Márcia “Cidadania e Diversidade Cultural com Participação Social”, artigo publicado no V Seminário Internacional de Políticas Culturais, ed Fundação Casa de Rui Barbosa, Maio de 2014

SANTOS, B.S. “La reinención del Estado y el Estado plurinacional” en OSAL (Buenos Aires: Clacso) Año VII, 22, septiembre, 2007. Disponible en: <http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/osal22/D22SousaSantos.pdf>

Democratizar a democracia. Os caminhos da democracia Participativa. Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 2002

THIOLENT, Michel Pesquisa Ação nas organizações, ed Atlas, São Paulo, 1997

TURINO, Célio. Ponto de Cultura: O Brasil de Baixo para Cima; Editora Anita Garibaldi, São Paulo, 2009